

Concordatas, demissões, vendas em queda. Os números da crise.

As vendas do comércio em São Paulo caíram 5,1% em novembro em relação a outubro, que já apresentara um movimento decrescente, e 18,9% em relação a novembro do ano passado. Os dados compõem um levantamento da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo, que indica também um crescimento no nível de inadimplência na capital paulista. Os títulos protestados cresceram 16% de outubro a novembro, enquanto 61 empresas pediram concordata (contra 30 em outubro) e 355 falências foram requeridas (contra 256 em outubro).

O presidente da Federação Nacional das Associações Comerciais, César Rogério Valente, alertou ontem que desde o dia 15 de setembro o País "mergulhou numa grande crise, onde ninguém paga ninguém e a economia está fora de qualquer atividade". Segundo o empresário, a realidade não está sendo percebida pela equipe econômica.

A queda das vendas no comércio e a inadimplência de muitas empresas têm provocado uma onda de demissões que, na avaliação de alguns sindicalistas, só se compara à crise de 81/82. Segundo dados da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), o nível de emprego nas três primeiras semanas de novembro apresentou uma brusca queda, com 9.100 demissões. "Essa é uma época em que a maioria das empresas deveriam estar adotando horas extras para dar conta dos pedidos de final de ano", observou o empresário Emerson Kapaz, do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE).

O coordenador da Área Monetária da Secretaria Especial de Política Econômica, Amaury Guilherme Bier, reafirmou que

o governo vai manter a austeridade de sua política fiscal e monetária — e sabe que em consequência disso vai pagar um custo social elevado. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial brasileira caiu 1% em outubro em relação a novembro. No acumulado de 12 meses, a queda da atividade industrial chega a 5,8%, o pior resultado desde setembro de 82.

Como consequência desse quadro, as rescisões de contratos começam a se empilhar nas mesas dos sindicatos. Em São Bernardo do Campo, pelo menos sete mil metalúrgicos foram dispensados de março até agora. Em Osasco, as demissões no setor foram mais de três mil; demissões entre março e novembro, e até fevereiro esse número deve chegar a cinco mil.

O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Carlos Aparício Clemente, informou que só na segunda-feira passada duas empresas — a fabricante de impressoras Rima e a S.A. de Materiais Elétricos (Same), do grupo Pirelli — demitiram 284 pessoas. Neste ano, cerca de 60 empresas de Osasco darão férias coletivas ampliadas (mais de 10 dias) — em 89 foram apenas 30.

A direção da Cobrasma, empresa que produz equipamentos ferroviários e depende quase exclusivamente do governo, com um quadro de quatro mil funcionários, já avisou que, se tivesse dinheiro para indenizar, demitiria 800 funcionários. A Cobrasma não dispõe de dinheiro nem para conceder férias coletivas. As empresas que mais demitiram até agora são a Embraer (4.000), Cofap (600), Grupo Eluma (600) e Philips (500).

Bárbara Oliveira